

# GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DE UM PROCESSO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Gender and Teacher Training: contributions of a pedagogical intervention process

**Fabiane Freire França**

Mestre em Educação pela UEM. Professora Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão.

**Geiva Carolina Calsa**

Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM.

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Maringá – PR – Brasil

**Endereço:**

Av. Colombo, 5.790 - Bloco I12 - Sala 11  
Jardim Universitário - Maringá – PR  
CEP: 87.020-900

**E-mails:**

fabianefreire@ibest.com.br  
gccalsa@uem.br

Artigo recebido em 09/09/2009.

Aprovado em 12/04/2010.

## RESUMO

O objeto deste artigo é demonstrar algumas representações sociais de gênero apresentadas por professores e professoras de 5ª e 6ª séries de uma escola pública da cidade de Sarandi/PR. Em vista disso, problematizou-se: Quais as representações sociais de professores e professoras a respeito de gênero? Esse conceito pode ser ampliado e/ou reorganizado por meio de uma intervenção pedagógica? Para tanto, realizou-se um processo de intervenção pedagógica com discussões em grupo, com o intuito de repensar o gênero em um contexto sócio-histórico. Tomou-se como fonte de dados as verbalizações dos professores e das professoras durante o processo de intervenção pedagógica. Caracteriza-se esta análise como uma pesquisa-ação participativa, ao considerar a pesquisa um instrumento de "(re)construção" do conhecimento. Os resultados deste artigo apontaram um movimento de opiniões e definições do conceito de gênero apresentado pelos/as professores/as após o processo de intervenção pedagógica. Considera-se que tais resultados revelam a necessidade de maiores discussões sobre o gênero no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Gênero. Intervenção Pedagógica.

The objective of this paper is to demonstrate some social representations of gender presented by professors and teachers of 5th and 6th grades in a public school in the city of Sarandi/PR. For this, it poses the following questions: What are teachers' social representations in relation to gender? and Can this concept be extended and reorganized by a pedagogical intervention? A pedagogical intervention was then carried out, with group discussions, in order to rethink gender in a socio-historical context. The teachers' verbalizations during the educational intervention were used as a source of data. This analysis takes the form of a participatory action research, as it considers research as a tool for (re)building knowledge. The results of this article indicate a shift of opinions and definitions of the concept of gender presented by the teachers, following a process of pedagogical intervention. It is believed that these results reveal a need for further discussion of gender in the school environment.

**KEYWORDS:** Education. Gender. Pedagogical Intervention.

## INTRODUÇÃO

A produção das desigualdades de gênero é decorrente de processos sociais mais amplos, a qual designa as posições dos sujeitos no que diz respeito ao seu corpo, à sua sexualidade, à raça, à classe social, à religião, etc. Em razão da importância política e social da discussão sobre gênero, foram levantadas as seguintes problematizações: Quais as representações sociais de professores e professoras a respeito de gênero? Esse conceito pode ser repensado por meio de uma intervenção pedagógica? Para tanto, realizamos entrevistas com 12 docentes de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental e um processo de intervenção pedagógica com discussões em grupo.

Tomou-se como fonte de dados as verbalizações dos professores e professoras antes, durante e depois do processo de intervenção pedagógica. Caracterizamos esta análise como uma pesquisa-ação participativa, ao considerar a pesquisa um instrumento de "(re)construção" do conhecimento do ponto de vista ético, bem como um instrumento privilegiado para a realização de investigações sobre a escola e a prática docente.

Manter o grupo em constante discussão e conflito de ideias foi um recurso que se mostrou satisfatório para romper com alguns paradigmas e práticas hegemônicas sobre gênero. A produção dos saberes e das identidades de gênero implica problematização, daí a necessidade de interrogar as regras e os efeitos das práticas sociais que, ao legitimarem determinados conteúdos, pensamentos e ações como verdades universais e absolutas, podem silenciar outras categorias possíveis.

Os resultados deste artigo apontaram um movimento de opiniões e definições do conceito de gênero apresentado pelos/as professores/as após o processo de intervenção pedagógica diferente de sua postura inicial. Esse movimento evidenciou uma abertura maior à compreensão do conceito de gênero contrário às representações iniciais dos sujeitos.

Sabe-se que mudar esse quadro social de discriminação e preconceito não acontece por meio de um único trabalho. Porém, a discussão acerca do gênero parece ter sido significativa para a formação desses homens e mulheres que assumiram as identidades de professores e professoras. Consideramos que tais resultados revelam a necessidade de maiores discussões sobre o gênero no ambiente escolar.

## O CONCEITO DE GÊNERO PRODUZIDO PELAS RELAÇÕES DE PODER NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para compreender o conceito de gênero no contexto das práticas pedagógicas é necessário pensar a sua produção permeada por relações de poder. Os estudos de gênero vinculados aos movimentos sociais feministas permitiram o questionamento político sobre a situação das mulheres na sociedade

burguesa. Posteriormente, estes estudos deixaram de apenas compreender a condição das mulheres, propondo-se a refletir sobre os processos de construção da feminilidade e da masculinidade, bem como suas relações com o plano da sexualidade e da representação dos corpos.

Os conceitos de masculinidade e feminilidade ainda vigentes evidenciam o modelo hegemônico problematizado por estudos contemporâneos (LOURO, 1997, 2007; WEEKS, 2007; BRITZMAN, 2007), que buscam a existência de masculinidades e feminilidades alternativas. Em outras palavras, que essas diferenças não sejam compreendidas de forma preconceituosa e discriminatória. Esses estudos pretendem romper com a visão binária e biologista: dois sexos e dois gêneros. São problematizadas as classificações sociais que rotulam combinações entre gênero, sexualidade e corpo, compreendendo que existem identidades não enquadradas aos padrões tradicionais e dominantes. Louro (2007, p. 11) chama a atenção para esse aspecto, ao afirmar que as “identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são modeladas pelas redes de poder de uma sociedade”.

Dentre as instituições sociais, a escola se destaca por promover um padrão de “identidade feminina” voltada às alunas e uma “identidade masculina” voltada aos alunos, ambas tidas como “naturais”. Nessa instituição, aprende-se a ser menino e menina, assim como são adquiridas noções de moral, como a vergonha e a culpa.

Gimeno Sacristán (2005) afirma que, ao não se enquadrar nos modelos de pensamento e de comportamento transmitidos por instituições sociais como a escola, a família, a Igreja ou a mídia, o indivíduo passa a ser considerado “diferente” dos demais. Na maioria das vezes, isso acarreta alguma forma de discriminação e preconceito, por mais implícitos que sejam expressos.

Estamos tão presos às realidades cotidianas e aos semelhantes que nos rodeiam e ao que fazem e são para nós que, quase com toda certeza, não nos sentimos estimulados a imaginar outro mundo possível. Aceitamos como natural e como certo o que acontece e vem dado, quando tudo é produto de uma trajetória que poderia ter tomado outro rumo e chegado a ser de outra maneira. (SACRISTÁN, 2005, p. 13).

Fazer frente a esse processo em busca de práticas pedagógicas alternativas exige a compreensão das relações de poder que permeiam as instituições sociais. A falta dessa compreensão favorece a emergência de preconceitos e estigmas culturais. Esse é o caso das meninas que ainda são reprimidas em sua sexualidade como decorrência da predominância de “valores masculinos”. Para Sacristán (2005, p. 126), ser menina tem significado “[...] receber uma educação diferenciada e discriminadora como mulher; desigualdade que não é senão o reflexo de outras desigualdades entre os sexos, que ao mesmo tempo atua como reprodutora das mesmas”.

Compartilhando dessa argumentação, Louro (1997, 1999) assinala que, em relação aos gêneros, um procedimento (des)construtivo das verdades estabelecidas socialmente não elimina, de imediato, sua concepção hierárquica, entretanto busca inseri-las nas relações de poder interpessoais e institucionais existentes, bem como não reproduzi-las de maneira inconsciente e ingênua. Os corpos e os gêneros vêm sendo descritos, compreendidos, explicados, regulados, saneados e educados por meio das mais variadas táticas, estratégias e técnicas sociais. A escola, juntamente com o Estado, a Igreja, a família e a ciência concorrem, atualmente, com a mídia, com grupos feministas e de “minorias sexuais” para a definição dos gêneros. Dar voz a esses grupos pode se transformar em um dos encaminhamentos possíveis da escola para repensar o sentido da sexualidade, do prazer e da vivência dos corpos dos indivíduos.

O corpo é construído e supõe investimento e intervenção contínua e permanente do indivíduo, que o articula aos discursos das pedagogias culturais. Silva (2007) esclarece que essas pedagogias, por vezes contraditórias, constituem, exatamente, as instituições não-escolares, que ensinam aos indivíduos o que podem e devem ser. Resultam da integração de conhecimentos científicos de um lado e, de outro, de crenças e valores de senso comum que são reproduzidos, transmitidos e aceitos conforme as relações de poder resultantes dos conflitos e negociações entre os indivíduos e as instâncias sociais.

No que concerne à escola, o autor recomenda uma abordagem curricular que trate a identidade e a diferença como uma questão política. Nesse sentido, distingue uma visão multicultural crítica e não-crítica. De uma perspectiva não-crítica, significa fortalecer a existência e a aceitação da diversidade de valores, crenças e identidades; enquanto de um posicionamento crítico implica problematizar as identidades de gênero relativamente à sua construção discursiva e, ao mesmo tempo, histórico-social.

Gênero e sexualidade são dimensões diferentes que integram a identidade pessoal de cada um, produzidas pelos efeitos do poder e transformadas conforme os valores sociais vigentes em cada época. Os estudos consultados para a elaboração deste artigo reforçam a hipótese de que, sobretudo no ambiente escolar, faz-se necessário que docentes e estudantes realizem um processo de problematização dos conceitos de gênero, possibilitando aos indivíduos a (des)construção e a (re)construção de conhecimentos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

## DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com 12 professores/as que atuavam em 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental, oito mulheres e quatro homens, que aceitaram a indicação da equipe de coordenação da escola e o convite da pesquisadora. Com esse grupo, realizaram-se duas entrevistas individuais e oito sessões de intervenção pedagógica. Cada sessão teve duração de três horas e apresentou a seguinte organização: levantamento de hipóteses (definição dos/as professores/as sobre o conceito de gênero de acordo com seus conhecimentos prévios); apresentação das respostas e discussão de sua pertinência ou não, conforme parecer do grupo; e justificativa do saber e do fazer do/a professor/a diante das situações-problema apresentadas pela pesquisadora.

Esta análise foi categorizada como uma pesquisa-ação participativa, ao considerar a pesquisa um instrumento de "(re)construção" do conhecimento. Essa condição tornou-se um de seus princípios norteadores que se evidenciou na busca pela (des)instalação das certezas absolutizadas e cristalizadas dos/as docentes sobre gênero. Para isso, foram problematizadas as narrativas de cada participante da pesquisa por intermédio de práticas coletivas de (des)construção e (re)construção do conceito.

Além disso, como sugere Costa (2002), a pesquisa-ação participativa, ao definir os saberes como produtos das relações de poder que produzem e consolidam a hegemonia cultural de determinados grupos sociais em detrimento de outros, inspira-se nos estudos foucaultianos. Assim, do ponto de vista científico, conhecer não significa descobrir algo que já existe, mas sim descrevê-lo, relatá-lo e nomeá-lo por meio de uma posição temporal e espacial sempre provisória. O envolvimento dos integrantes da investigação – os/as docentes – em um movimento alternado de vozes "legitimadas" pelo próprio grupo, durante as sessões de intervenção pedagógica, mostra a preocupação desta pesquisa em atender a mais esse princípio da pesquisa-ação participativa. Por isso, a necessidade de ouvir o posicionamento do "outro" sobre o mesmo objeto de estudo em um processo que não buscou explicitar e concluir "verdades", mas questionar "as verdades" consideradas legítimas.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: O PROCESSO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Optamos por ressaltar neste artigo o processo de intervenção pedagógica que teve como objetivo oportunizar espaços de discussão e reflexão acerca de temáticas que envolvem gênero, corpo e sexualidade, bem como mostrar aos docentes outras perspectivas sobre este conceito. Os encontros proporcionaram comentar, ouvir e contrapor as ideias do grupo e da pesquisadora. Esta estratégia visou problematizar as concepções naturalizadas pelos/as docentes, sobretudo suas vivências e experiências com os/as estudantes e os/as colegas no ambiente escolar no que diz respeito ao gênero.

Em um dos encontros realizados com os professores e as professoras, foram apresentadas alternativas de propostas pedagógicas sobre a abordagem do conceito de gênero. As propostas foram produzidas em trios ou duplas e discutidas no grande grupo com a contribuição de ideias de todos os/as participantes. De acordo com um dos grupos, representado pela Professora Maria<sup>1</sup>, foi sugerido:

[...] montar algumas coisas sobre o gênero, sobre a discriminação, poderíamos montar um gráfico sobre, utilizando alguns dados desses. Poderíamos ainda questionar se meninos podem brincar de bonecas. Colocamos várias questões aqui que poderiam ser discutidas e abordadas e que não dá pra falar agora. No geral fizemos isso: construção de gráficos, textos informativos, debates com eles e montar com eles mesmos os gráficos, montar gráficos e tabelas, seria a parte da matemática. Uma sugestão que eu pensei depois seria pensar o projeto dando uma continuidade no do outro grupo [...] a gente poderia ter conversado mais entre nós.

As sugestões do grupo da Professora Maria foram pertinentes, por viabilizarem outras possibilidades de se trabalhar a proposta pedagógica elaborada em um processo interdisciplinar com os demais. Além disso, o grupo se deu conta, durante a apresentação, da infinidade de outras questões que podem ser abordadas e discutidas em sala de aula.

A apresentação deste grupo ainda gerou a seguinte polêmica: Maria – “Tem, por exemplo, a questão de a escola orientar, porque se tivesse uma orientação maior na escola, com certeza, teriam índices mais baixos de gravidez na adolescência, porque a escola não discute muito esses assuntos”. Em contrapartida, a Professora Marta debateu: “Não sei se tem muita relação, porque eu trabalhei tantas vezes na escola esse assunto [...]. Eu também pensava muito nisso, que era questão de falta de informação, mas depois eu percebi que entram outros fatores”. Para Silva (1999a, p. 82), “há realmente, hoje, muita informação sobre sexo, sobre corpo. Porém, normatizações e preconceitos são ressaltados, funcionando como uma contra-informação, que leva às dúvidas e inseguranças tradicionais”.

O intuito da intervenção pedagógica envolve essas questões: sugestão, crítica, envolvimento, indagações, hipóteses. Nas discussões, os grupos concordaram com a seguinte fala da Professora Maria – “E, nas classes mais baixas, o índice de gravidez é maior, está atrelado à pobreza com esses índices elevados”. Neste processo, interrogamos: e por que vocês acham que isso ocorre?

Professora Marta – Algumas conclusões: falta de objetivo de vida! Um filho te traz a razão prá viver não é falta de saber como se prevenir, não é, cheguei a algumas conclusões, ao menos nas pesquisas que fiz, que a vida é tão ruim, tão miserável, essas meninas geralmente não têm [...] famílias desestruturadas, pai, mãe, não têm ninguém a se apegar e quando têm um filho, o filho seria uma salvação, o engravidar para elas seria uma forma de empoderamento, a sensação de estar viva e querer viver. É uma triste conclusão, mas penso que é isso.

No decorrer das discussões, outras hipóteses foram levantadas: Professora Marli – “Mas, também por falta mesmo de planejamento, ninguém tá pensando em transar naquele momento. Não é assim: ‘ah hoje eu vou transar e vou andar com a camisinha no bolso [...]’”. Neste contexto, a Professora Margarida salienta: “[...] eu percebo que eles não conversam com as mães, com os pais. E parece que chegam na escola e querem colocar tudo prá fora, extravasar, será que não seria isso?”.

Notamos que, muito diferente de conclusões decisivas sobre os assuntos, os/as docentes expressaram suas ideias como possibilidades de abordagem neste processo, uma das intenções almejadas durante o processo de intervenção pedagógica. “O indivíduo começa a atribuir sentido a essas diferenças, à medida em que ele ou ela torna-se consciente da gama de possibilidades no mundo social” (WEEKS, 2007, p. 72).

Deborah Britzman (2007, p. 86) complementa que a cultura escolar trabalha com respostas estáveis, sobretudo quando se trata de sexualidade. Em vista disso, maneiras autoritárias de interação social criam obstáculos a novos temas e curiosidades. “Tudo isso faz com que as questões da sexualidade sejam relegadas ao espaço das respostas certas e erradas”.

Outro grupo, composto pelas professoras Marta, Marli e Mônica, optou por trabalhar a discriminação de gênero com base na história da mulher na sociedade. De acordo com as professoras, o resgate histórico é fundamental neste processo. Para a Professora Marta, “o objetivo seria questionar os alunos sobre as mudanças e conquistas das mulheres no tempo e no espaço; discutir a discriminação da mulher na atualidade, apesar de acharmos que mudamos muito essa questão da discriminação”. Como metodologia, este grupo sugeriu palestras e debates com os alunos e as alunas sobre o tema em pauta. A Professora Marta levantou alguns exemplos: “Olha só as nossas conquista gente: de licença à maternidade, poder de trabalhar sem a autorização do marido e estudar!”. O grupo ainda fez um levantamento de dados sobre as conquistas das mulheres, por meio de decretos, o direito ao voto, por exemplo, dentre outras questões. E apesar de algumas conquistas, mostraram outras questões que precisam ser revistas:

Professora Marta – Hoje em dia, depois de tantas conquistas, a condição de vida da mulher é bem melhor, as mulheres deveriam ter os mesmos direitos, pela constituição isso é garantido! (risos). Trabalhamos fora e, entretanto há violência doméstica, preconceitos contra a mulher em algumas profissões ainda, abuso sexual [...].

O grupo trabalhou com as possibilidades e os limites encontrados pelas mulheres na atualidade a partir da compreensão das relações construídas ao longo da história. Palestras e debates nesta direção são de extrema relevância à prática escolar, no sentido de mostrar o movimento das relações sociais

e de gênero aos/às alunos/as. Foram levantados outros dados em relação à violência doméstica, à precária participação das mulheres na política, dentre outras questões.

Outro grupo composto pelas professoras Magda e Margarida levantou as seguintes questões: A sexualidade é um atributo de qualquer ser humano? Existe um padrão sexual? Um modelo estruturado no qual todos os indivíduos devem participar? De acordo com a Professora Magda, para responder às questões: “Pensamos em tudo, no gênero também, formas de ser homem, formas de ser mulher”.

O objetivo da proposta deste grupo consistiu em dar visibilidade aos saberes alternativos ou minoritários sobre a sexualidade; mostrar que o exercício da sexualidade pode ser uma fonte de imenso prazer e de expressão de sentimentos profundos próprios do encontro amoroso, mas também pode ser uma fonte de graves transtornos na vida pessoal e social de um indivíduo, por ser onde pode ocorrer gravidez e doenças. O grupo poderia abordar ainda as dificuldades enfrentadas por homens e mulheres quando não correspondem às normas estimuladas referentes às identidades sexuais. Para o grupo, o trabalho se justifica porque:

Professora Magda – A sexualidade está estreitamente ligada às relações afetivas, envolve sentimentos de qualquer ser humano, mas para ser compreendida é preciso pensar no indivíduo como um todo. Ela é parte integrante e intercomunicante do indivíduo consigo e com os outros, trata-se também de uma forma peculiar que cada indivíduo desenvolve e estabelece para viver suas relações pessoais e interpessoais a partir de seu papel sexual.

Quanto à metodologia proposta pelo grupo, as atividades seriam iniciadas com perguntas sobre o tema. Foi selecionado um poema de Manuel Bandeira, denominado *Vulgívaga*, para a leitura e o levantamento de questões. Na sequência, seria transmitido o filme *Nunca mais*, seguido de discussão, questionamento e desenvolvimento de uma resenha crítica associada ao poema e à música.

Este grupo explorou outros instrumentos para a realização de um trabalho necessário ao âmbito escolar: poema, música e filme. Evidentemente, esses instrumentos são enriquecidos à medida que são suscitadas indagações e diversas possibilidades de considerações relacionadas aos conceitos de gênero e sexualidade.

O grupo seguinte – professores Mauro, Milton e Mário – trabalhou diferentemente. O Professor Milton apresentou considerações sobre a mídia e o corpo, os outros dois docentes centraram nas questões de natalidade e origem do vírus HIV. Notamos que os professores optaram, exclusivamente, por um trabalho mais específico de suas respectivas áreas.

Professor Milton – A problematização assim que eu coloquei: Qual a diferença nas práticas corporais ao longo da história? A questão de movimento, a questão de corpo, ao longo da história. Para praticar esportes há padrões que são estabelecidos pela mídia. Daí, eu iria trabalhar com eles o que é essa mídia. Por que existe? O padrão de beleza corporal historicamente sempre foi o mesmo? Quais as transformações que ocorrem no corpo na adolescência? E como o corpo se tornou uma mercadoria? São as questões pra colocar pra eles.

As discussões desse professor foram mais direcionadas às relações de consumo produzidas pela sociedade capitalista. O objetivo de sua proposta consistiu em contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica do aluno em relação aos comportamentos sociais ligados à prática dos elementos da cultura corporal, buscando uma visão mais crítica e reflexiva.

Os professores Mauro e Mário, com objetivos diferentes de Milton, abordaram a questão da fecundidade e da proliferação do HIV pelo continente ocidental. Em meio às discussões, a Professora Maria salientou: “Nas favelas ocorre muito isso, eu percebo que a gravidez ocorre devido à falta de escolarização também [...]”.

Sugerimos que outros pontos poderiam ser abordados, como: as regiões brasileiras que são tão próximas, mas apresentam muitas diferenças nos costumes relacionados à formação da identidade de homens e mulheres, as maneiras de lidar com as relações de gênero em regiões diferentes. Ou mesmo, como aponta Weeks (2007), a relação do controle da natalidade com o planejamento familiar, objetivando garantir a constituição de um padrão de família que atribui a homens e mulheres papéis diferenciados.

Quanto à discussão sobre o vírus HIV, que causa a AIDS, suas discussões centraram-se nas hipóteses sobre a origem da doença. Para Mário, “há suspeitas de que o vírus foi criado em

laboratório". Essas questões são também pertinentes, porém poderiam abordar ainda que o vírus não é uma doença que afeta somente pessoas envolvidas em atividades de alto risco, "afeta heterossexuais e homossexuais, mulheres e homens, jovens e velhos" (WEEKS, 2007, p. 37).

Outra sugestão é a realização de um trabalho interdisciplinar como os demais grupos desempenharam, já que as diferentes concepções sobre o tema promovem modos diferenciados de ver o mesmo objeto de estudo, o que pode contribuir ao desenvolvimento e à elaboração de atividades.

O último grupo, formado pelas professoras Mara e Marina e pelo Professor Marcos, optou por abordar o corpo e a sexualidade como exploração social. Os temas geradores foram: gênero, sexualidade e contextos educacionais. De acordo com o grupo, as atividades seriam iniciadas pela solicitação da separação de meninos e meninas. Na sequência, seria solicitado a ambos que desenhassem um corpo nu do sexo oposto para levantar discussões, opiniões e debates a partir das seguintes questões: Na sua casa, homens e mulheres são tratados/as de modos diferentes? Como isso ocorre?

Retomando as atividades, o Professor Marcos verbaliza: "Nós criamos duas colunas questionando: Na sociedade atual quais são as vantagens de ser homem e mulher? Você acha que esta situação pode ser mudada?". Questionamentos como estes são interessantes, por permitirem aos alunos e às alunas (re)pensarem as relações de gênero e opinarem sobre o assunto. Na sequência, o professor mencionou outras atividades desenvolvidas por seu grupo:

Marcos – Nós optamos por trabalhar as discussões de ambos os sexos por meio do levantamento de questionamentos. Uma outra questão que Milton já abordou refere-se ao consumismo. Fizemos um levantamento de comerciais de cerveja [...] o corpo exposto quase nu [...] e não tem nenhum homem nu aqui, é só mulher. Depois também teria um texto pra criar debate.

Em meio às discussões do grande grupo sobre a proposta em questão, as posturas das modelos de propagandas de cerveja foram associadas a posições sexuais. Para os/as professores/as, as propagandas podem influenciar no modelo de corpo padrão sugerido a meninos e meninas. Sugeriram como atividades a exposição sobre como os alunos e as alunas ouviram falar sobre a sexualidade humana.

Ainda que o curso tenha enfatizado as questões de gênero todo o tempo, a maioria das alternativas de propostas pedagógicas voltou-se às questões da sexualidade. Se, por um lado, o tema sexualidade pode parecer mais necessário para discussões em sala de aula; por outro, o conceito de gênero pode ainda parecer confuso, por isso pouco abordado. O grupo, junto ao diretor e à coordenação pedagógica, apoiou a inserção das propostas pedagógicas no Projeto Político Pedagógico da instituição escolar.

Como explicitam França e Calsa (2007), a escola pode favorecer a compreensão mais elaborada dos conflitos e tensões de gênero e de sexualidade que perpassam as relações de poder da sociedade. Dessa perspectiva, mesmo com limitações, o ambiente escolar pode propiciar questionamentos sobre os conceitos considerados naturais que os indivíduos trazem de suas diferentes comunidades de prática.

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Consideramos a sessão de intervenção pedagógica como um recurso de aprendizagem capaz de favorecer a desconstrução e a reconstrução do conceito de gênero dos/as professores/as e de seus/suas alunos/as, sobretudo por meio de problematizações suscitadas em grupo.

Objetivamos fazer com que os sujeitos se questionassem todo o tempo e saíssem de cada encontro com mais dúvidas do que chegaram. Foi enfatizado que este processo não serviria para a elaboração de uma receita e/ou respostas prontas sobre como trabalhar o gênero em sala de aula, pelo contrário, nas discussões em grupo, seriam levantadas possibilidades para que os/as docentes refletissem e permitissem a si e aos seus alunos e às alunas fazerem o mesmo processo, repensem suas atitudes e seus valores.

Embora propostas de intervenção como estas, dentre outras, apresentem limitações, os comentários dos/as docentes apontaram a necessidade de levar ao contexto escolar: eventos,

debates, projetos e estudos para confrontar posturas preconceituosas, discriminatórias e machistas, que ferem a integridade de identidades que fogem ao padrão hegemônico. Essa forma de abordagem está longe de ser a única, tampouco a melhor, mas nos permite outros olhares à prática docente.

## REFERÊNCIAS

- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 83-111.
- COSTA, M. V. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 91-115.
- CURTY, Marlene Gonçalves. CRUZ, Anamaria da Costa. MENDES, Maria Tereza Reis. Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: (NBR 14724/2005). 2. ed. Maringá: Dental Press, 2006.
- FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. Articulando gênero, sexualidade e meios de comunicação: abordagem desses conceitos na educação. In: Associação de Leitura do Brasil (Org.). Textos completos, 16º Congresso Brasileiro de Leitura. Campinas: UNICAMP/ALB, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M. V. (Org.). O currículo nos limiares do contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 85-92.
- LOURO, Guacira Lopes. Prendas e antiprendas: educando a mulher gaúcha. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 25-56 jul./dez. 1986.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.
- SACRISTÁN, J. G. O aluno como invenção. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro. Juventude de papel: representação juvenil na imprensa. Maringá, PR: EDUEM, 1999a.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 73-102.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

## NOTAS

- 1 Todos os nomes citados são fictícios. As falas são diferenciadas das citações pela sua inserção em quadros com um formato em letra menor. Em alguns momentos são utilizados trechos das falas inseridos no corpo do texto, identificados por aspas duplas.